

Identidade e Estética: estudos de casos sobre racismo estrutural e os padrões de beleza

Identity and Aesthetics: case studies on structural racism and beauty standards

Júlia Gonçalves Rodrigues

Faculdade de Educação SESI-SP
julia.rodrigues34@faculdadesesi.edu.br

Wagner Moreira Da Silva

Faculdade de Educação SESI-SP
wagner.moreira@sesisp.org.br

Resumo

O presente artigo aborda a temática da estética como uma forma constituinte da identidade de mulheres negras, centrando-se nos cabelos. Foram utilizados estudos de caso para analisar a potência de propostas antirracistas no processo de formação de professores de um curso de Licenciatura em Ciências da Natureza na cidade de São Paulo. Procurou-se responder a seguinte questão: a condição dos professores em formação inicial no período de pandemia influencia na compreensão sobre estética e o racismo a partir da dinâmica realizada? Orientados pela Teoria Crítica da Raça, pelas falas durante a aula e as respostas dos participantes a um formulário sobre o racismo na escola, evidenciaram-se diversos elementos que confirmam nossas suspeitas sobre o tremendo desgaste físico e mental provocado pela pandemia.

Palavras-chave: Identidade, racismo, Teoria Crítica da Raça

Abstract

This article addresses the theme of aesthetics as a constitutive form of the identity of black women, focusing on hair. Case studies were used to analyze the potency of anti-racist proposals in the process of training teachers in a degree course in Natural Sciences in the city of São Paulo. We tried to answer the following question: does the condition of teachers in initial training in the pandemic period influence the understanding of aesthetics and racism from the dynamics performed? Guided by the Critical Theory of Race, by the speeches during class and the participants' responses to a form about racism at school, several elements were evidenced that confirm our suspicions about the tremendous physical and mental strain caused by the pandemic.

Key words: Identity, racism, Critical Race Theory

1. Introdução

Para refletir sobre racismo estrutural e padrões de beleza conceituaremos inicialmente a estética como marca de identidade, fazendo um recorte na temática dos cabelos. Segundo Assis (2018), empoderar-se é então se reconhecer enquanto sujeito social, político e protagonista da sua própria história tornando-se capaz de reivindicar por direitos individuais e coletivos. O empoderamento de pessoas negras, principalmente as mulheres no que tange à estética, carrega junto à identidade e autoafirmação, conectando-as com sua cultura e história. A negação do cabelo natural está diretamente ligada com o processo violento de apagamento da cultura negra, com falta de representatividade nas mídias e revistas, que vendem a imagem da mulher branca e de cabelo liso sendo o ideal de beleza. A construção da identidade de pessoas negras é um ato político, resistir às pressões estéticas representa um símbolo da luta diária que enfrentam, visto que vivemos em uma sociedade racista e opressora.

O processo de formação de professores é de suma importância para se pensar em uma educação antirracista e descolonizadora. A lei 10.639 é implementada em nove de janeiro de 2003 trazendo alterações na até então regente lei 9.394, tornando necessário no currículo escolar o estudo da história africana, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. A deliberação resgata a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil nos seguintes termos "*os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e Histórias Brasileiras.*" (BRASIL, 2003).

Apesar desta contribuição legal para que haja um reconhecimento da cultura negra dentro das escolas e o incentivo ao trabalho com essa temática "no âmbito de todo currículo escolar", são poucos os trabalhos dedicados à investigação de alternativas para implementação de práticas educativas antirracistas na área do Ensino de Ciências, evidenciando a necessidade de maior reflexão sobre o currículo (ROSA, 2016; CARVALHO, MONTEIRO & COSTA, 2019). Outro documento oficial que incentiva o estudo da diversidade cultural afro-brasileira é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao estabelecer no eixo Ciências da Natureza a habilidade (EF01CI04), que visa "*comparar características físicas entre os colegas, reconhecendo a diversidade e a importância da valorização, do acolhimento e do respeito às diferenças.*" Porém, vale ressaltar que esse conteúdo só aparece no currículo uma vez, no 1º ano, o que limita a possibilidade de diálogos dentro das ciências da natureza sobre a temática. Dessa forma, pensarmos a questão de estética ligada à identidade, refletindo sobre a comparação de características físicas também como uma marca da identidade de cada aluno, torna-se uma proposta promissora e ao mesmo tempo desafiadora.

Como estratégia metodológica para o estudo da identidade e da estética, o presente trabalho toma como respaldo os estudos de casos, que, configurados como prática educativa na formação de professores, compõem uma alternativa para mobilizar conhecimentos sobre o "respeito à diversidade", uma vez que toma como referência as experiências de vida dos professores em formação inicial e seus primeiros contatos com a escola na construção de sua persona docente, possibilitando ao licenciando a reflexão sobre possíveis maneiras de trabalhar o tema dentro de sala de aula com os alunos.

Partindo da criação de um estudo de caso, foi realizada uma aula online com licenciandos em Ciências da Natureza, com o objetivo de refletirem sobre racismo estrutural e padrões de beleza, explorando a ligação da estética com identidade. Uma atividade com 10 professores foi planejada, implementada e avaliada no ambiente remoto, fazendo

com que a própria aula fosse configurada como um estudo de caso. Por estarmos vivendo uma pandemia, a aula planejada para o presencial passa a ser adaptada para o ambiente virtual conduzindo a seguinte questão de pesquisa:

A condição dos professores em formação inicial no período de pandemia influencia na compreensão sobre estética e o racismo a partir da dinâmica realizada?

2. TCR – Teoria Crítica da Raça e a Educação Científica

Segundo Rosa (2019), a TCR pode ser vista como uma perspectiva de ruptura, dentro dos estudos legais, com pesquisadoras e pesquisadores que colocavam o fator racial como algo periférico em suas discussões. A Teoria Crítica da Raça surge em um momento que as pautas das diversidades passam a não contemplar a questão racial e suas opressões, visto que há uma necessidade de centralizar as questões de pessoas não brancas. Com a ascensão da segregação racial nos Estados Unidos o movimento da TCR cresce induzido pela necessidade de uma mudança no sistema jurídico majoritariamente composto de pessoas brancas. É colocada em evidência a repressão policial, trazendo à tona a violência racial.

Analisaremos os três conceitos básicos da TCR: (1) *Permanência do racismo*, (2) *Convergência de interesse* e (3) *Contracontação de histórias*. Sobre a *permanência do racismo*, o conceito evidencia a naturalização do racismo nas relações sociais, ressaltando o privilégio branco, compreendendo como não apenas o preconceito em si, mas em possuir desvantagens ou vantagens com base nas diferenças raciais. Já a *convergência de interesse* engloba os motivos pelo qual pessoas brancas passam a apoiar os avanços da população negra, em consequência de que esse interesse exista quando também beneficia a população branca. E por último, sobre *contracontação de histórias*, que é analisada de acordo com as experiências vividas por indivíduos que contribuem para o entendimento de processos sociais. Esse conceito funciona como processo de escuta e fala de grupos que geralmente não possuem voz, tendo foco em pessoas não brancas, de modo a contestarem-se as opressões raciais.

Faremos um recorte sobre o ensino de Ciências, pensando em como educar cientificamente através da TCR. Contextualizaremos inicialmente uma educação também fundamentalmente racista, mesmo que existam avanços quanto a proposições pedagógicas e à temática abordada dentro da sala de aula, porque o racismo estrutural ainda se mantém presente nas escolas. Quanto à educação científica, aponta-se uma mudança metodológica e não apenas uma curricular, julgando necessário que exista uma transformação no modo que se ensina Ciências, seja por meio de discussões ou práticas pedagógicas que se relacionem com as questões raciais, possibilitando voz para pessoas negras, promovendo espaço para que possam publicar trabalhos, reforçando a sensação de pertencimento.

3. Metodologia, Análise e Apresentação de Resultados

Desde 1978, Nisbett e Watt sugerem que o estudo de caso seja entendido como uma "investigação sistemática de uma instância específica". Entretanto, pensando na formação dos professores voltada ao Ensino de Ciências, de que maneira os estudos de casos sobre racismo podem contribuir para a discussão do tema? O estudo de caso, por

anos, foi estereotipado como o método de ciência social mais pobre e os pesquisadores que com ele trabalhavam eram vistos como desviados de disciplinas acadêmicas. Suas investigações não realçavam precisão, objetividade e rigor suficiente para uma pesquisa de nível acadêmico e recebiam o estereótipo de “parente pobre”. Uma explicação para isso é que algumas pessoas simplesmente não sabem buscar e não estão treinadas para este tipo de pesquisa. Segundo Yin (2001) considera-se que um caso é uma história que descreve um evento vivido na realidade contemporânea por uma empresa ou se baseia em fenômenos nela estabelecidos, compondo fatos, dados e informações que podem entrelaçar todas as disciplinas focando no objetivo final do autor, que é de mostrar estes dados e o que eles ocasionaram ou levaram a empresa a conseguir no decurso de um tempo em evidência.

O estudo de caso (sobre Dandara) se iniciou a partir de um trabalho da faculdade que tinha a consigna de criar um estudo de caso autoral que permitisse a reflexão de professores em formação sobre possíveis temáticas a serem abordadas no ensino de Ciências. O caso criado foi o de Dandara¹, uma menina negra, estudante de escola particular que sofreu racismo por conta de seu cabelo. Sua professora, também uma mulher negra, a acolhe, propondo dentro de sala de aula uma dinâmica sobre o ocorrido. A escolha do tema abordado veio ao encontro das vivências da primeira autora do presente trabalho. No período em que passou pela transição capilar, ela questionou-se sobre o cabelo como forma de identidade, podendo compreender como os processos entre identidade e estética estão conectados. Por estar cursando licenciatura em Ciências da Natureza a autora perguntou-se como, através do ensino de Ciências, podíamos abordar a temática fazendo uso do estudo de caso. Foi então que vislumbrou possíveis ações dentro de sala de aula, também sendo pensado para o ambiente virtual.

A partir das reflexões do Estudo de Caso Dandara foi elaborado o plano de aula para os professores. A proposta foi organizar atividades didáticas para tratar o estudo de caso dentro da sala de aula, com a aula sendo ministrada para licenciados em Ciências da Natureza posteriormente. A aula realizada foi uma adaptação do trabalho de Assis (2018) que propunha uma dinâmica realizada presencialmente, tratando-se de uma atividade com espelhos e a apreciação de dois poemas e um documentário. Entretanto, por estarmos em um período de pandemia, foram realizadas alterações para que a aula acontecesse no ambiente online. Através das falas durante a aula foi realizada a análise do presente estudo.

Anteriormente à aula, foi enviado um questionário com algumas perguntas guiadoras para iniciarmos a dinâmica com olhar centrado para as reflexões que propomos. A coleta de dados e análise das produções foram realizadas por meio dos relatos contados pelos estudantes que participaram da aula. As respostas do questionário tomaram como orientação a Teoria Crítica da Raça (doravante TCR), sendo o questionário fundamental para a análise a seguir e o maior foco da análise.

Iremos nos restringir agora às respostas do questionário, aplicação do plano de aula e falas dos professores em formação durante a aula ministrada.

Conforme já esclarecido anteriormente, compreende-se como estudos de casos toda história que descreve um evento vivido na realidade contemporânea. Dessa forma, a história que contaremos a seguir procura descrever a análise da aula ministrada

¹ O leitor pode acessar o Estudo de Caso Dandara no seguinte sítio eletrônico:
<http://gg.gg/CasoDandara>

apresentando os resultados do questionário prévio e as três atividades desenvolvidas²: 1) Fotografando-se, 2) Leitura e apreciação dos poemas e 3) Roda de conversa, que serão analisadas sob a égide dos 3 conceitos da TCR.

Sobre o questionário, foram extraídas do estudo "16 perguntas para avaliar como sua escola aborda o racismo" divulgado no Portal Geledés³. São perguntas sobre a maneira que o racismo e as questões raciais são tratados no ambiente escolar, o posicionamento do professor perante os grupos sociais, se as diferenças entre grupos étnico-raciais são vistas e aceitas dentro da sala de aula e o papel da expressão verbal na influência do racismo. Como maioria, as respostas dos professores em formação identificam a importância da abordagem dessas questões pela escola e os professores, mas que em sua formação escolar, não houve esse espaço. No entanto, reconhecem que o cotidiano escolar pode influenciar nas questões raciais.

Na resposta à questão 2 do formulário, todos os participantes acreditam que o racismo deve ser tratado pedagogicamente pela escola. Podemos pensar sobre os estudos de caso e como eles contribuem para discussão da temática. A partir da reflexão sobre casos de racismo, os professores em formação podem não só pensar em situações dentro e fora da sala de aula e como lidar, mas também no processo individual de cada um, muitas vezes compreendendo situações de racismo que presenciaram ou mesmo vivenciaram. Inicia-se a reflexão questionando de que maneira os conhecimentos de Ciências da Natureza, estabelecidos no currículo para professores, estão relacionados com a questão do racismo estrutural e os padrões de beleza? Se considerarmos que no currículo de Ciências existam poucas práticas educativas antirracistas, os estudos de caso vêm como alternativa pedagógica para discussão do racismo, elaborando possíveis intervenções que ajudem a iniciarmos uma formação menos racista. No processo de formação da principal autora do presente artigo, por exemplo, como uma professora negra sentiu-se a falta em diversos momentos de espaços de diálogo e presença dos conteúdos relacionados ao racismo em sala de aula. Retomando a fala de Rosa (2016) sobre a necessidade de maior reflexão sobre o currículo.

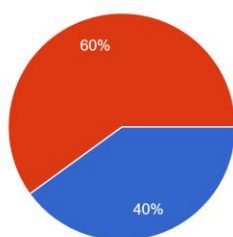
Quanto à compreensão do tema estética e racismo em um ambiente virtual, nota-se a importância de existir um espaço onde os professores em formação possam discorrer sobre e relatar suas próprias vivências. Em seus relatos, os participantes abordaram a aceitação do cabelo natural como metamorfose, mudança e transformação. Identificando, a partir das provocações a pressão estética presente no dia a dia dos participantes. Porém, através das falas na aula, observamos a importância de discutir o assunto. (eixo 3 da TCR sobre contracontação histórica).

² O leitor pode acessar a descrição do plano de aula no seguinte sítio eletrônico: <http://gg.gg/Plano-Identidade-Estetica>

³ O leitor pode acessar as questões no seguinte sítio eletrônico: <https://www.geledes.org.br/16-perguntas-para-avaliar-como-sua-escola-aborda-o-racismo/>

Figura 1: Resposta à Questão 5 do formulário sobre racismo na escola

5. O professor:
5 respostas



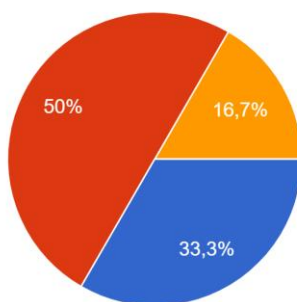
- A- Posiciona-se de forma neutra quanto às questões sociais. É o transmissor de conteúdos dos livros didáticos e manuais pedagógicos.
- B- Reavalia sua prática refletindo sobre valores e conceitos que traz introjetados sobre o povo negro e sua cultura, repensando suas ações cotidianas.
- C- Tem procurado investir em sua formação quanto às questões raciais.

Fonte: os autores

Na Figura 1, outro ponto se destaca: a total ausência de investimento na formação sobre as questões raciais. De acordo com a percepção dos participantes, enquanto 60% deles acreditam que reavaliam sua prática refletindo sobre valores e conceitos que introjetam a cultura negra, 40% se consideram neutros, tendo foco na transmissão de conteúdos de Ciências da Natureza. Em uma das falas durante a aula, uma professora em formação traz a ligação do cansaço, a rotina corrida com o cabelo natural e o ambiente virtual, fazendo reflexões sobre como é lidar com essas questões no dia a dia, mas não de maneira regular por meio de cursos. Tal fala nos remete a refletir sobre o eixo 1 da TCR (permanência do racismo), tomando como "processo normal" a falta de cuidado com a aparência nas exibições de videoconferência, optando, muitas vezes, por não aparecer perante as câmeras.

Figura 2: Resposta à Questão 6 do formulário sobre racismo na escola

6. O trato das questões raciais:
6 respostas



- A- É feito de forma generalizada, pois a escola não tem possibilidade de incidir muito sobre ele.
- B- É contextualizado na realidade do aluno, levando-o a fazer uma análise crítica dessa realidade, a fim de conhecê-la melhor, e comprometendo-se com sua transformação.
- C- Não é considerado assunto para a escola.

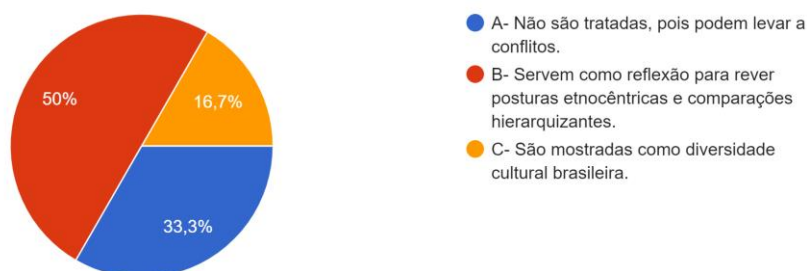
Fonte: os autores

Fazendo um de recorte das falas da aula (Figura 2), podemos destacar pontos importantes. Os professores em formação retomam seus próprios processos e transformações, compreendendo como o racismo está ligado à estética e identidade na vivência de cada um. Em múltiplas falas se questiona a falta de espaço dentro da sala de aula para refletir sobre esses assuntos, baseado também na falta de referenciais teóricos que contemplem o tema.

Figura 3: Resposta à Questão 7 do formulário sobre racismo na escola

7. As diferenças entre grupos etnoculturais:

6 respostas



Fonte: os autores

Correlacionando a Figura 3 com os relatos durante a aula, podemos analisar também como o cansaço influencia na compreensão da temática, estando diretamente relacionado com o período de pandemia⁴, englobando o cansaço tanto físico quanto mental, visto que são conceitos que exigem tempo e reflexões e num ambiente virtual, isso acaba perdendo seu lugar. Tal desgaste físico também se reflete na baixa adesão em discussões sobre diferenças entre grupos etnoculturais, preferindo não tratar o assunto para evitar conflitos (16,7% na Figura 3 representam este grupo).

Na leitura do poema, o ambiente virtual influenciou diretamente na forma como foi lido pelos participantes. Nas discussões não houve comentários específicos sobre o poema, possivelmente não tendo tanta relevância para os participantes por conta do formato realizado, apesar de o poema dialogar com a proposta, visto que abordava a temática da dificuldade de aceitação do cabelo natural. Se a discussão tivesse sido feita após a apreciação da leitura, ou se os professores em formação tivessem acesso ao material, possivelmente o poema teria mais destaque.

Já no caso do documentário, os participantes trouxeram em suas falas afetações e contribuições, citando trechos do vídeo assistido. Na discussão realizada pelos professores em formação se evidenciam os comentários sobre os trechos que abordam o cuidado com o cabelo, a importância da presença do toque, retomando o processo da infância na construção da identidade, relatando como o estigma do cabelo “duro” “ruim” contribui diretamente no alisamento (Algumas empresas de cosmético têm incentivado o não alisamento do cabelo e motivado o tratamento capilar natural. Seria uma boa notícia caso os reais interesses da indústria não fossem a venda de novos produtos e não a valorização do cabelo crespo. Movimento facilmente perceptível sob a égide do eixo 2 da TCR *convergência de interesses*). Todos os participantes compreendem a importância em falar sobre o assunto. Os comentários direcionados aos trechos destacados vêm da experiência e vivência pessoal de cada um. Evidenciam-se nas falas os conceitos da TCR, no âmbito da Contracontação de histórias, o entendimento dos processos sociais, a partir das experiências vividas pelos professores em formação, possibilitando a escuta. Nos relatos também podemos observar a Permanência do racismo, através da naturalização do racismo na trajetória dos

⁴ O intenso número de aulas por videoconferência tornou popular o termo "Zoom fatigue" que está ligado ao excesso de exposição às telas podendo levar à exaustão mental. O leitor pode encontrar uma reportagem sobre o tema no sítio eletrônico: <http://gg.gg/MALAR-ESTADAO-Zoom-fatigue>

participantes no processo de construção da identidade.

4. Conclusão

O presente artigo procurou responder a seguinte questão: a condição dos professores em formação inicial no período de pandemia influencia na compreensão sobre estética e o racismo a partir da dinâmica realizada? Orientados pela TCR, pelas falas durante a aula e as respostas dos participantes ao formulário sobre o racismo na escola, evidenciaram-se diversos elementos que confirmam nossas suspeitas sobre o tremendo desgaste físico e mental provocado pela pandemia. Os licenciandos alegaram ter menor cuidado com a aparência no período da pandemia devido à "correria" imposta pelas atuais condições. Preferem muitas vezes não abrir as câmeras e expor suas aparências devido ao cansaço. No final da dinâmica, foi solicitado que os participantes tirassem uma selfie e as compartilhassem com a turma. Não houve resistência, pois alegaram compreender a importância dessa imagem para discussões sobre estética e identidade e confirmaram que muitas vezes se sentem cansados demais para adentrar numa discussão sobre questões raciais por diversos motivos. Tanto a criação de estudos de casos autorais quanto à compreensão de um desenvolvimento de aula como estudos de caso mostraram-se dispositivos interessantes que podem incentivar mais atividades que falem sobre identidade e estética em aulas de Ciências da Natureza.

Referências

GOMES, Larissa Louise Pontes; Estéticas em transformação: A experiência de mulheres negras na transição capilar em grupos virtuais. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: olhares afrodiáspóricos**, 2019.

ROSA, Katemari; A teoria crítica da raça na pesquisa em educação em ciências: novas perspectivas teórico-metodológicas para o contexto brasileiro. **Decolonialidades na Educação em Ciências**, 2019.

ASSIS, Priscila Costa Silveira; Cabelo, identidade e empoderamento: Quebrando com padrões de beleza na escola. **Descolonizando Saberes**, 2018.

DUARTE, Maria da Conceição. A história da ciência na prática de professores portugueses: implicações para a formação de professores de Ciências. **Ciência & Educação**, v. 10, n.3, p. 317-331, 2004. Acesso em: 20 jan. 2020.

GONÇALVES, Fábio Peres; MARQUES, Carlos Alberto. Contribuições pedagógicas e epistemológicas em textos de experimentação no ensino de química. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 11, n. 2, p. 219-238, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.